

Entrevista de Leonor Nunes (Jornal de Letras, Junho de 2018)
a
Sara Antónia Matos [Directora do Atelier-Museu Júlio Pomar]
Citada no artigo:

**“Júlio Pomar (1926-2018). A reinvenção da Pintura”
Jornal de Letras, 6 a 9 de Junho de 2018**

- O que essencialmente sublinharia na obra de Júlio Pomar? E na sua personalidade?

Na sua obra, sublinharia a constante reinvenção ao longo das décadas, quer no que diz respeito aos temas, às técnicas e ao uso dos materiais, quer no que diz respeito ao modo de olhar o mundo, revelando-nos sempre novas perspectivas dele através da sua produção artística.

Relativamente à sua personalidade, sublinharia a enorme atenção perante a realidade, a astúcia com que presenciava as transformações do mundo actual e a generosidade com que se entregava aos projectos que tinha em mãos.

- Qual a sua importância no contexto do século XX português e da História da Arte portuguesa?

A sua relevância é de tal modo incontornável no contexto do século XX português que, no âmbito das visitas-guiadas realizadas no Atelier-Museu, costumo dizer que Júlio Pomar não só "faz parte da história da arte portuguesa como a construiu com ele". Quero dizer que ele marcou e ajudou a erigir momentos fundamentais dessa história, designadamente o período neorrealista na arte (por ventura o mais fácil de delimitar), mas também outros períodos de transformações plásticas/estéticas, em décadas posteriores. Pomar acompanhou essas transformações, provocou-as, lançou-se a elas, ampliando a própria noção de arte e os seus modos de fazer.

- No seu texto, publicado no jornal Público, fala da ideia de “movimento na pintura de Pomar”? É central na obra ao correr do tempo?

Absolutamente. Isso é patente desde o início e, de modo mais pronunciado, nas obras conhecidas por "Tauromaquias", nas "Corridas", onde a pincelada e o gesto livre ganham força e expressão. As figuras - cavalos, touros, jóqueis - são representados através de linhas ou emaranhados de linhas e manchas, que transmitem a sensação de movimento e deslocação no espaço. Essa sensação de movimento percorre toda a obra, passando a acontecer entre as várias camadas da pintura, nas décadas mais recentes, onde é nítida a sobreposição de planos e figuras numa só tela. O movimento acontece então de trás para a frente, de baixo para cima, na superfície da tela, onde vemos aparecer e desaparecer signos dela.

- Que momentos essenciais destaca no percurso artístico de Pomar?

Poderiam destacar-se vários mas tendo em conta a data presente escolho o período e as séries referentes ao Maio de 68 - período em que Pomar estava em Paris - e que estão agora em exposição, reunidas, no Atelier-Museu Júlio Pomar [Exposição O que Pode a Arte? 50 anos do Maio de 68, com curadoria de Nuno Crespo e Hugo Dinis]. São pinturas de grande intensidade e cores vibrantes que, sem ilustrar o assunto explicitamente, espelham o modo como os artistas são contagiados pelas transformações sociais e políticas. O conjunto de obras de Júlio Pomar referentes a este período, representando massas compactas, de corpos em confronto, dão conta da força de manifestação nas ruas.

- Além da pintura, o desenho, a gravura... Como vê essa diversidade de linguagens dentro da própria obra?

A diversidade de linguagens, de instrumentos e matérias plásticas mostra a índole de um artista que nunca receu arriscar, renovando-se, assim recriando a própria noção de arte e das suas disciplinas. Tendo o desenho como âncora - desenhava como respirava e, com meia dúzia de traços, aparecia um rosto, uma figura -, estendeu-se para a cerâmica, a escultura, a assemblage e outras técnicas em casos pontuais. A propósito da versatilidade de materiais e técnicas, e da facilidade com que se lançava à experimentação, vale a pena lembrar que nas suas mãos materiais encontrados na praia de Manta Rota no Algarve, de que são exemplo madeiras desgastadas e carcomidas pelo sol e pelo sal, deram origem a um conjunto de assemblages absolutamente desconcertantes - invejadas por muitos artistas contemporâneos.

- E a relação com a literatura e com personagens romanescas?

É nítida sobretudo na ilustração de *Guerra e Paz* ou de *Dom Quixote*, para as quais fez centenas de desenhos, em parte já mostrados no Atelier-Museu. De resto, é preciso sublinhar que a ilustração foi essencial à sobrevivência de muitos artistas desta geração.

- E a sua própria escrita, quer a poética, quer a ensaística ou crítica, como entronca na sua arte?

A sua própria escrita, designadamente a vertente crítica e de ensaio (crítica a exposições, à obra de outros artistas e reflexões sobre arte em geral) acompanha todo o seu percurso, desde 1942 a 2013, algo perceptível através dos 3 volumes publicados pelo Atelier-Museu em 2014, com os títulos: *Notas sobre uma Arte Útil; Da Cegueira dos Pintores; Temas e Variações*. A sua escrita, reconhecida por muitos como sendo tão importante quanto a parte plástica, dá conta de Júlio Pomar como um *Intelectual (à moda antiga)*, abrangendo várias dimensões.

- Há ainda inéditos ou textos a publicar pelo Atelier-Museu?

Há certamente obras inéditas, nomeadamente desenhos reservados em cadernos pela Fundação Júlio Pomar, que a seu tempo poderão ser mostrados no Atelier-Museu, mas há também e sobretudo relações por estabelecer entre a obra de Júlio Pomar e os seus pares, de diferentes gerações - cruzamentos que trarão a público novas perspectivas da sua produção.

- Na longa entrevista que lhe fez e ao longo da convivência que tiveram, nos últimos anos, o que mais a fascinou ou surpreendeu?

Decididamente, o seu modo gentil e afectuoso no trato, associado à relação de confiança mas também de exigência no trabalho.

- E guarda histórias reveladoras que possa contar-nos?

Talvez dizer que tinha sempre a capacidade de nos surpreender, nos momentos menos esperados! Talvez possa revelar - sem pormenores - que durante a montagem da exposição *Das Pequenas Coisas* com Pedro Cabrita Reis, no Atelier-Museu, em 2017, houve uma espécie de "desgarrada" entre os dois artistas que não querendo ficar um atrás do outro, todos os dias da montagem produziram obras novas para apresentar no dia seguinte e integrar na exposição! Foi de facto um momento muito especial. Outros houve mas julgo que manter o segredo também faz parte do gozo que está associado a esses momentos. Isso aprendi com Júlio Pomar, que entre as camadas das suas pinturas inscreveu muitos enredos que necessariamente ficarão por desvendar.

- A ideia de pôr em diálogo a obra de Pomar com a de outros artistas de diferentes gerações e segundo vários curadores agradava a Pomar? O que isso diz sobre a sua forma de pensar a própria condição de artista?

Não só agradava como mostra a abertura que nutria pelas novas gerações de artistas e profissionais. Para ele, o diálogo, estrito senso, sinal de liberdade, mas também o diálogo ou cruzamento de obras, era absolutamente necessário para construir uma actualidade para a sua obra, recolocando-a no centro panorama actual.

- E vai continuar essa série de exposições? Como vai ser o futuro do atelier-Museu? Há novos projectos? Qual a próxima exposição ou lançamento? E qual a prioridade?

Como referi em ocasiões recentes, o desejo do pintor era que continuássemos a olhar para a frente, dando seguimento ao programa que desenhámos para o Atelier-Museu, nomeadamente as exposições com outros artistas de diferentes gerações e que terá continuidade com Luísa Cunha.

É uma artista em que Pomar reconhecia o "mesmo tipo de ironia", de capacidade de "desconstrução", e que através da sua obra vai colocar em evidência e provavelmente em irrisão um conjunto protocolos museológicos (referentes aos comportamentos e regras de observação), pelos quais a maioria das vezes já não damos conta, nem nós profissionais, nem os fruidores culturais, no exercício e na frequência dos museus. Seguir-se-á a exposição referente ao 3º Prémio de Curadoria do Atelier-Museu, instituído com aval e incentivo do pintor, e uma exposição só de Júlio Pomar centrada

na componente erótica da sua obra, desenvolvida e fundamentada sobre este ponto de vista, ainda não abordado com a profundidade e sistematização que merece. Em breve, serão anunciadas e lançadas várias publicações do Atelier-Museu, das quais destaco particularmente a de Irene Pimentel "Júlio Pomar: O Pintor no Tempo" que constituirá também um momento de homenagem ao artista. Há vários projectos de homenagem já em preparação, de diversos teores, mas a prioridade no Atelier-Museu será sempre direccionar o olhar para a frente como se prometeu a Júlio Pomar.